

Povos indígenas e audiovisual: memórias e resistências no Xingu

Indigenous peoples and audiovisual: memories and resistance in Xingu

Por Camille Castelo Branco 

Universidade Federal do Pará
Belém, Pará, Brasil
(camillecastelobranco@gmail.com)



Kuikuro, T., & Freitas, G.
(2023). *Xingu: contatos*. IMS.

A relação entre povos indígenas no Brasil e audiovisual, em especial no que concerne à fotografia, é longa, tortuosa e repleta de paradoxos e tensões. A fotografia foi utilizada no país tanto como instrumento de dominação, forma de domesticar e exotificar corpos e vidas, quanto como ferramenta de denúncia, registro de atrocidades que a memória nacional insiste em olvidar e exercício de protagonismo das próprias lideranças indígenas, que passaram a produzir imagens e representações de si focalizando aquilo que consideravam central representar. Em uma década – e por que não dizer um século? – em que a profusão de imagens chega ao limite da saturação, uma vez que câmeras de uso pessoal se tornaram cada vez mais acessíveis, a reflexão

acerca das relações entre etnicidade, imagem e poder renova sua importância.

Trata-se do entrelaçamento que a exposição transformada em livro, intitulada “Xingu: contatos”, procura enfrentar. Com curadoria do cineasta Takumã Kuikuro – com atuação destacada pela execução do documentário “As hipermulheres” (Kuikuro et al., 2013) – e do comunicador e professor de jornalismo Guilherme Freitas, a exposição parte de um fato: o Xingu foi a primeira terra indígena demarcada no Brasil em 1961 e segue sendo um dos territórios mais fotografados e filmados do país. As formas, no entanto, variam sensivelmente: os povos indígenas na região foram registrados em muitos momentos como anônimos e exóticos, uma espécie de humanidade estrangeira e fora da civilização. Em outros, foram retratados como selvagens e ameaçadores, culturas violentas que seriam adversárias da supremacia nacional de caráter homogeneizante. Há registros que os retratam como pessoas a manterem uma simulação de Éden harmonioso entre humanidade e natureza. E, na contramão das três formas que mencionei, há registros dos povos indígenas como protagonistas políticos de suas Histórias. Todas essas formas contam com pelo menos três vieses interpretativos: 1) o olhar da pessoa que fotografa ou filma e aquilo que julgou pertinente enquadrar; 2) A intervenção dos curadores e museólogos, que assumem posição tanto na conformação de exposições, quanto na catalogação de acervos; 3) o olhar do espectador ou espectadora que trava contato com as imagens, a partir de suas próprias convicções e valores.

Essa miríade nada homogênea de imagens é apresentada de maneira crítica pela ação dos curadores Takumã Kuikuro e Guilherme Freitas, assumindo compromisso com uma demanda que integra a agenda histórica de mobilização social dos povos indígenas no

Castelo Branco, C. (2025). Povos indígenas e audiovisual: memórias e resistências no Xingu. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 20(3), e20250003. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0003.

Recebido em 02/02/2025

Aprovado em 02/06/2025

Responsabilidade editorial: Jimena Felipe Beltrão



país: a descolonização de acervos e museus e a criação de novas políticas de memória. A exposição parte das fotografias dos indígenas no Xingu que integram o acervo do Instituto Moreira Salles (IMS), cujo início data dos anos 40. São imagens produzidas por fotógrafos não indígenas, muitos deles atuando no registro dos contatos entre povos indígenas e sociedade nacional, mediados pelos irmãos Villas-Bôas. Compreendendo que aquilo que os não indígenas podem chamar de acervos, os povos indígenas chamariam de álbuns de família, a íntegra das fotografias (somadas em mais de 200) foi entregue às comunidades do Xingu. Lideranças, bem como os mais velhos de cada povo se engajaram no trabalho de identificar pessoas que constavam como anônimas no acervo. A partir desse esforço coletivo, uma fotografia que tinha como legenda “Índio Xavante”, passa a conter o nome do retratado: Utebwe Xavante, liderança ancestral daquele povo. Trata-se de um processo de rememoração ainda inacabado e em andamento, mas que subverte as formas como as pessoas na região foram tratadas em registros.

Tais fotografias são confrontadas com um movimento que os curadores nomearam como “Do outro lado da câmera”. Trata-se de uma sessão que destaca os nomes e expõe os trabalhos de cineastas e fotógrafos indígenas, assim como a forma como estes têm representado seus povos, práticas, rostos, vidas. Contrariando a lógica etnocêntrica de que o uso de tecnologias de audiovisual pelos povos indígenas seria um sinônimo do êxito da aculturação, a apresentação dos trabalhos de artistas indígenas, como Kujãesage Kaiabi, demonstra que as câmeras e o audiovisual têm operado como poderosos aliados de culturas pautadas na tradição oral. Trata-se de uma forma de garantir a continuidade, no tempo, do registro de rituais, grafismos, arte plumária, práticas cotidianas, rostos de lideranças, bem como a possibilidade de, no futuro, os indígenas analisarem como se autorrepresentavam em um determinado momento histórico.

O livro realiza ainda dois trabalhos críticos: destaca como o audiovisual indígena tem revisitado e recontado a

história do contato, a partir da farta iconografia produzida pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Sabedores de que uma imagem não fala por si mesma, mas é alvo de disputa representacional, pessoas indígenas têm realizado filmes e refeito curadorias, ressaltando a violência e as resistências presentes no contato. O mesmo acontece com as representações de imprensa feitas a respeito dos xinguanos à época da demarcação, que agora são alvo da intervenção e do ponto de vista que não foi considerado, em função de um movimento de apagamento: o dos próprios indígenas. É o que se encarregam de fazer os comunicadores da Rede Xingu+ e Denilson Baniwa.

O livro conta ainda com a análise de Naine Terena de Jesus acerca da relação entre povos indígenas e apropriação tecnológica e do papel das tecnologias nos processos de resistência dos povos indígenas. Há também texto de Carlos Fausto acerca de como pessoas indígenas têm pensado a relação com a fotografia, refletindo sobre o que cabe dentro de uma câmera a partir da perspectiva indígena de manuseio do equipamento. Por fim, há uma entrevista com Ailton Krenak, em que é possível acompanhar a rememoração do início da militância política da liderança e como ele compreende o Xingu como paradigma de caminhos e descaminhos diplomáticos para os povos indígenas, desde a Constituição de 88 até a atualidade.

No livro “Imagens apesar de tudo”, o filósofo Didi-Huberman (2020) defende que reside, na imagem, uma ‘chance’, uma possibilidade, apesar dos riscos do fetichismo e da indiferença, de alguma aproximação, de alguma compreensão da experiência da injustiça e do intolerável da dor dos outros. Para isso, cabe ao espectador, ou seja, cada um de nós, leitores e visualizadores das fotografias, uma tomada de posição: é necessária uma abertura ética, fornecida pela emoção e pela imaginação, para que nos comprometamos com a imagem e, tocados por ela, possamos inventar novas formas de partilha do sensível. E assim, acrescento eu, criar novas formas de contar histórias. Trata-se, segundo o autor, de um conhecimento repleto, ao mesmo tempo, de armadilhas e tesouros.

As pessoas indígenas no Xingu nos fazem esse convite, o oposto da insensibilidade, o oposto da apatia, quando falam sobre si por meio de imagens, textos, entrevistas, mobilizações políticas. Quando falam sobre si por meio deste livro. Cabe a nós aceitar o convite e abraçar este dever ético que as imagens nos propõem, apesar de tudo.

REFERÊNCIAS

- Didi-Huberman, G. (2020). *Imagens apesar de tudo*. Editora 34.
- Kuikuro, T., Sette, L., & Fausto, C. (Diretores). (2013). *As Hiper Mulheres* [Documentário]. Vitrine Filmes. <https://www.youtube.com/watch?v=iPBBPYvmW9Y>

